

DERROTAR BOLSONARO E O PROGRAMA NEOLIBERAL

1. O governo Bolsonaro representa a mais grave ameaça aos direitos do povo brasileiro em décadas. Seu projeto aprofunda a agenda ultraliberal do governo de Temer, enquanto radicaliza os ataques à soberania nacional e às liberdades democráticas. Seu propósito é jogar o Brasil à barbárie, destruindo a legislação trabalhista e previdenciária, as leis ambientais, os mecanismos de proteção às minorias, reprimindo e criminalizando os movimentos sociais e a esquerda em geral. Se dependesse apenas do desejo da família Bolsonaro, o Brasil já estaria às portas de uma nova ruptura institucional e da instauração de um regime de exceção.

2. Mas, felizmente, o destino do Brasil não é definido apenas por Bolsonaro. O desgaste inicial do governo, cuja aprovação caiu para cerca de 30% em menos de um ano, mostra que a experiência concreta de uma administração incapaz de enfrentar os problemas que afligem a maioria do povo brasileiro se reflete no aumento da rejeição popular ao projeto de Bolsonaro. Embora o governo mantenha uma parcela significativa de apoio, sobretudo nas camadas de mais alta renda, a tendência é de ampliação do desgaste. A estagnação econômica, as altas taxas de desemprego e informalidade, o aprofundamento da crise social e da insegurança, mostram na prática que a extrema direita não tem condições de tirar o país da crise em que se encontra. Os incêndios na Amazônia e, agora, os vazamentos de milhões de litros de petróleo no litoral do Nordeste, degradando ainda mais os modos de vida de comunidades tradicionais, recebidos com respostas cínicas por parte do governo, são demonstrações de que a natureza e seus povos estão entre os mais atacados.

3. O discurso de Bolsonaro na abertura da Assembleia Geral da ONU, em Nova York, mostra que a aposta do governo segue sendo na polarização ideológica. Ataques a ONGs, aos povos indígenas, movimentos sociais e partidos de esquerda, foram mesclados com delírios sobre o Foro de São Paulo, os médicos cubanos e o perigo do comunismo. Sobre as questões econômicas e sociais uma breve menção às privatizações e na política externa resumiu seu discurso à bizarra crítica ao “globalismo”. Um discurso que buscou alinhar o Brasil ao eixo da extrema-direita mundial.

4. Acontece que esse eixo começa a dar sinais de crise. As derrotas de seus aliados em Israel, Hungria, Áustria e Polônia, mostram que as políticas de extrema-direita contra os imigrantes estão enfrentando maior resistência social e política. As crises políticas no Equador, Chile e Peru e as possíveis vitórias de partidos de centro-esquerda na Argentina, Uruguai e Bolívia, mostram que o risco de um isolamento do governo Brasileiro é real. A crise social e política promovida pelas políticas de austeridade na Argentina, Chile e Equador mostram que se apertar mais o cinto dos trabalhadores e trabalhadoras, Bolsonaro pode se deparar, cedo ou tarde, com um levante popular.

5. Por isso Bolsonaro e seus aliados ampliam o Estado Penal. Na Câmara dos Deputados buscam aprovar um “pacote” de medidas punitivistas defendidas por Sérgio Moro. No Rio de Janeiro a política de “guerra às drogas” já não esconde mais sua verdadeira intenção de “guerra aos pobres”. A morte da pequena Agatha, de apenas oito anos, foi apenas a expressão mais recente da crueldade denunciada há muito tempo pelo PSOL. Como disse Marielle Franco: quantos mais tem que morrer pra essa guerra acabar? Em outras metrópoles brasileiras a letalidade policial disparou, mostrando que vigora uma verdadeira licença para matar por parte dos agentes do Estado.

6. Quatro episódios mostram que há resistência. O primeiro, foi a extraordinária mobilização dos estudantes e professores contra os cortes na educação. A onda de protestos do 15 de maio surpreendeu o governo que se viu diante de uma potencial crise. O segundo, foi a divulgação pelo site The Intercept de mensagens trocadas entre os procuradores de Curitiba e o juiz Sérgio Moro. As revelações fizeram diminuir a popularidade do mais importante ministro do governo Bolsonaro e fortaleceu os argumentos daqueles que defendem um julgamento justo para Lula. Aliás, cabe ressaltar que neste momento o STF discute a constitucionalidade da prisão em segunda instância e o pedido de suspeição de Sérgio Moro, abrindo novamente a possibilidade de liberdade de Lula. O terceiro, foi a reação nacional e internacional às queimadas na Amazônia, emparedando o governo num tema sensível e que mobiliza setores importantes da sociedade brasileira. Nesses três

momentos Bolsonaro perdeu o controle sobre o debate público. Por fim, a Marcha das Mulheres Indígenas e a Marcha das Margaridas mostraram que podemos recuperar capacidade de mobilização orgânica para enfrentar o governo.

7. A continuidade dos ataques aos direitos sociais e às liberdades democráticas, que vêm desde o golpe parlamentar de 2016, exige da oposição a capacidade de formar frentes unitárias entre distintos setores para derrotar o governo Bolsonaro e seus ataques. Mas essa frente terá formatos diferentes a depender do tema. Por exemplo, para enfrentar a censura e o cerceamento das liberdades democráticas, essa frente poderá contar com amplos setores sociais, indo bem além da esquerda, como demonstrou o episódio de censura por parte de Marcelo Crivella a uma publicação na Feira do Livro do Rio de Janeiro. Em outros temas, como a reforma da previdência, a frente será mais restrita, resumindo-se quase sempre aos partidos e movimentos mais identificados com a esquerda e a classe trabalhadora. Devemos ter sabedoria e flexibilidade para agir em cada momento de acordo com as necessidades de cada batalha.

8. Isso, no entanto, não deve servir para ignorar as diferentes táticas que convivem no âmbito da oposição. Enquanto alguns insistem numa disputa do “centro” (a partir da hipótese da divisão da sociedade em três partes), acreditamos que o papel do PSOL é fortalecer um polo de esquerda na sociedade para derrotar Bolsonaro. Isso significa que nossa saída para deter o governo pode até ser mais ampla, mas que a alternativa para a crise precisa ser dada por um projeto de esquerda, orientado aos interesses do povo trabalhador e oprimido.

9. O PSOL tem dado a batalha pela unidade da oposição, preservando sempre sua identidade e suas posições políticas. Mas entendemos como positiva a formação de espaços de articulação capazes de incidir sobre o processo de mobilização social. Os rumos do Brasil se decidem nas ruas, não no parlamento. Por isso a proposta de impeachment ou cassação da chapa só pode se materializar como parte de um amplo rechaço social aos crimes cometidos por Bolsonaro desde a campanha eleitoral. A consigna “Fora Bolsonaro” deve ser parte das conclusões a que o movimento de massas deve chegar com nosso apoio, mas jamais como uma imposição de um partido que se entende a própria vanguarda. Dessa forma, devemos estar inseridos nas mobilizações e lutas para demonstrar que cada dia de Bolsonaro no poder nos deixa mais próximos da terra arrasada, o que significa que a estratégia de “sangrá-lo” aos poucos esperando o próximo confronto eleitoral pode significar a consolidação de uma imensa derrota para a classe trabalhadora e as forças de esquerda.

10. Por isso, entre nossas tarefas políticas imediatas, está a constituição de um amplo movimento político e de rechaço e oposição nas ruas ao governo Bolsonaro. Um forte movimento capaz de unir todas as forças e lutas dos movimentos sociais e da classe trabalhadora, da juventude, das mulheres, da negritude, dos ambientalistas, dos indígenas, dos LGBT, unindo suas ferramentas e representações num mesmo espaço, buscando aglutinar a energia militante também pelas bases, categorias, territórios, universidades para derrotar Bolsonaro e sua agenda liberal. É preciso alterar a correlação de forças na sociedade, para a partir disso, alterar a correlação de forças da disputa política mais geral, colocando na mesa uma saída global para a superação de Bolsonaro.

11. Orientamos toda a militância do PSOL a unir forças nos espaços de luta capitaneados pelos movimentos sociais e partidos de oposição, unindo as lutas contra as privatizações, a defesa da Amazônia e do fim da desastrosa política ambiental do governo, contra o desmonte do Estado, a entrega da Petrobrás, à luta em defesa da população LGBT, dos povos indígenas, das mulheres, negros e negras, juventude, educação, saúde e emprego. A luta por justiça para Marielle Franco e pela liberdade para Lula, assim como as lutas em defesa das liberdades democráticas também serão centrais na conjuntura atual. A hora é de derrotar Bolsonaro para construir um Brasil de esperança: um Brasil de socialismo e liberdade.